

# FAZENDO GÊNERO

ANO VII Nº17 JULHO A OUTUBRO /2003

## Adolescência: como se faz? – apontamentos sobre discursos, corpos e processos educativos –

Elcimar Dias Pereira\*  
Joana Plaza Pinto\*\*

**Gostaríamos de falar de adolescência sem dizer o que é adolescência, sem utilizar nenhuma vez o verbo 'ser'. Mas gostaríamos de usar o verbo 'fazer': como se faz a adolescência? O verbo 'fazer' tem 58 entradas no dicionário, todas de alguma forma relacionadas à primeira: fazer. [do lat. facere.] V. t. d. 1. Dar existência ou forma a; produzir física ou moralmente; criar. Queremos então perguntar: como foi criada a adolescência, essa "fase", dada como fato inevitável no decorrer da vida humana?**



A palavra 'adolescência' tem sua origem etimológica no Latim ad- ('para') + olescere ('crescer'); portanto 'adolescência' significaria, strictu sensu, 'crescer para'. Pensar na etimologia desta palavra nos remete à idéia de desenvolvimento, de preparação para o que está por vir, algo já estabelecido mais à frente; preparação esta para que a pessoa se enquadre neste "à frente" que está colocado. É como se a adolescência fosse uma fase que tem que ser transposta para alcançar aquilo que é ideal. Já há algum tempo a juventude tem sido vista como "o problema", e a nossa sociedade ocidental vem reproduzindo esta idéia, limitando a compreensão da adolescência, como se esta se resumisse à puberdade, acreditando que somente as mudanças fisiológicas comandam a fase da adolescência, normatizando e "naturalizando" os possíveis conflitos através da idéia de que estes estão atrelados a uma passagem de hormônios, menosprezando o sujeito de desejo que confronta seu lugar no mundo, através de discursos minimalizadores do tipo "Todo adolescente é assim".

Quando questionadas/os sobre o que é a adolescência, as/os próprias/os adolescentes respondem quase imediatamente: "Não é adolescência; é aborrescência"; "Adolescência é irresponsabilidade, rebeldia, incapacidade"... Ao reproduzir estas idéias, elas/

es incorporam as profecias que dizem que, enquanto estiverem nesta fase, existe uma, e somente uma, forma para seu comportamento. Quando forem adultas/os, as coisas mudarão; é possível "pensar no que se vai ser quando crescer", como se a vida começasse realmente quando se é "adulto".

Procura-se, assim, estabelecer esse discurso sobre a adolescência para controlar os corpos que adolecem, pois qualquer ousadia, descoberta ou desejo pode ser perigoso. Essa fase "tem que ser controlada". Não estamos acostumados com a inovação, a criação, e não estamos abertos para o novo trazido pelo processo de questionar, confrontar, desejar. É necessário, então, tratar pejorativamente as inquietações das/os adolescentes. A transformação, a instabilidade, a idéia de contrariar a ordem, de "bagunçar" o que já está estabelecido, de inventar uma nova linguagem, um jeito de se vestir, uma nova onda, aquilo que parece ir contra; essas são posturas que produzem insegurança, e rapidamente as identificamos com a adolescência para nos ancorarmos no conforto de que tudo isso é passageiro.

Adultos são adolescentes que foram enquadrados e domados para descartar o novo, para articular o discurso hegemônico normatizador sobre o corpo, sobre o desejo, sobre sonhos, sobre o lugar das mudanças na vida humana.

Pensamos na vida adulta como o período em que superamos a passagem questionadora e instigante, difícil e penosa da adolescência. Como ouvir e construir um diálogo com aquelas/es que estão em um momento tão repugnante?

Pontuar mecanismos que fazem a adolescência, que a produzem, que tornam possível sua existência, podem ajudar a compreender como se organiza essa existência. Isso tudo na escuta ativa das falas das/os adolescentes que assim se sentirem, se buscarem, se descobrirem, se produzirem física e moralmente, se criarem. Essa é a proposta do projeto Transas Adolescentes\*\*\*, que também se propõe a fazer uma reflexão crítica sobre o discurso apriorístico do ser adolescente, e, assim, ajudar a refazer também o discurso sobre o ser adulto (leia mais sobre o projeto na página 2). Trabalhar as inseguranças que as mudanças trazem para as/os adolescentes pode nos ajudar a lidar com as nossas próprias inseguranças enquanto educadoras/es de adolescentes, enquanto adultas/os, corpos disciplinados, normatizados.

Nesse processo, é necessário desvendar como o "fazer" a adolescência está intrincado com os discursos sobre corpos, portanto os discursos de gênero e discursos sobre sexualidade. Seria

a adolescência o momento de corpos "em transição" para um estágio final de "normalidade"? Por exemplo, exercícios homoeróticos na adolescência devem ser interpretados como "uma fase", que com certeza será "superada", ao mesmo tempo em que for "superada" a inquietude do ser adolescente?

Assim, é preciso uma política educativa que inclua a/o adolescente no processo de se dizer, portanto, se fazer, para que ela/e mesma/o possa desvendar o discurso normativo sobre seu corpo e compartilhar com outros corpos (adolescentes ou não) engendrados nesse discurso suas dores, temores, descobertas, ou seja, uma política educativa que permita a resignificação dos corpos numa negociação sem fim do "ser sujeito", uma política da alteridade constitutiva do discurso sobre os corpos. Que a/o adolescente possa dizer: se não sou, mas me faço (aconteço) no que me falam que sou, que pelo menos eu mesma/o possa também incluir minha voz no discurso sobre mim.

\* Educadora do Grupo Transas do Corpo, coordena o projeto Transas Adolescentes.

\*\* Educadora do Grupo Transas do Corpo, integra a equipe do projeto Transas Adolescentes. Bolsista do Programa GRAL/ Fundação Carlos Chagas/SOS Corpo.

\*\*\* Agradecemos à Fundação MacArthur e ao Programa GRAL/Fundação Carlos Chagas/SOS Corpo pelos financiamentos concedidos ao desenvolvimento deste projeto. Agradecemos também à Secretaria Municipal de Educação de Goiânia (GO) pela parceria no desenvolvimento deste projeto, sob a forma do convênio nº039/2003.

**A parceria entre o Grupo Transas do Corpo e a Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, dentro do projeto Transas Adolescentes, foi iniciada com a participação das/os alunas/os da Escola Municipal Jesuína de Abreu. O projeto, dividido em duas fases, contou com a visita de cerca de 90 alunas/os e a posterior realização de um curso de curta duração.**

Durante as visitas, as/os adolescentes tiveram um primeiro contato com as questões de sexualidade e de gênero. Assistiram ao vídeo “Sexo, Giz e Apagador”, participaram de dinâmicas de grupo e puderam expor suas dúvidas. As/os adolescentes também conheceram o Centro de Estudos e Informação que possui um acervo bibliográfico e videoteca disponíveis para consulta externa.

Neste período, as/os alunas/os tiveram a oportunidade de se inscrever para um curso de curta duração que foi realizado na semana seguinte. No total, dezesseis adolescentes participaram desse evento, onze garotos e cinco garotas.

A oficina, que durou três dias e garantiu a certificação das/os alunas/os, abordou temas como Sexualidade, Gênero, Arte, Cultura, Leitura, Escrita e Informática. As/os alunas/os estabeleceram juntamente com as coordenadoras do trabalho, Elcimar Dias Pereira e Andréia de Paula Silva, um contrato no qual definiram os compromissos entre as duas partes, decidindo os horários de entrada, intervalo e saída; além de questões mais delicadas, como a garantia de privacidade sobre o que seria falado pelas/os alunas/os durante o curso.

Nesses três dias de convívio as/os adolescentes desenvolveram uma profunda relação de confiança, tanto com as coordenadoras do curso, como entre elas/es, e puderam falar abertamente sobre suas dúvidas e seus posicionamentos em relação a pontos polêmicos como homossexualidade e diferenças de tratamento em função de gênero.

A última dinâmica realizada nesta etapa do projeto Transas Adolescentes avaliou o que cada aluna/o iria levar como experiência para o resto de sua vida. A resposta mais ouvida foi o “aprendizado”.

# A primeira vez a gente não esquece



Elaine Aguilera

A adolescente Dayane Nogueira, 14 anos, fez parte do primeiro curso da parceria entre o Grupo Transas e a Secretaria Municipal de Educação. Garota bem articulada, que divide parte de seu tempo entre a escola e as aulas de trompete, ela concedeu uma entrevista ao Fazendo Gênero falando de suas impressões sobre o curso e o quanto o assunto sexualidade é importante na sua formação. Evangélica, Dayane diz não deixar a religião interferir nas suas convicções. Saiba mais sobre essa menina:

## Por que você quis participar do curso Transas Adolescentes?

Para ter mais conhecimento e saber o que significava Transas do Corpo. A gente ouvia o nome e não sabia direito o que era.

## O que mudou após o curso?

Eu aprendi mais sobre meu corpo e sobre relações e diferenças. Também aprendi mais sobre sexo e fiz muitas amizades.

## Você fala sobre sexo em casa?

Não. Depois do curso, minha mãe disse que queria conversar

comigo sobre essa questão, mas não sabia como falar. Aqui é mais fácil. A gente tem mais confiança em vocês.

## Você tem irmãs ou irmãos? Conversa com elas/es sobre sexualidade?

Tenho duas irmãs, uma de 13 anos e outra de 11. Converso alguma coisa, principalmente com a de 13. Ela estuda lá no Jesuína e queria fazer o curso também.

## Você tem amiga ou amigo homossexual? Como é seu relacionamento com ela/e?

Para mim sempre foi uma coisa normal. Conheço gente que é

homossexual. Eu não tenho preconceitos. Acho que cada um tem que fazer as suas escolhas.

## Como a religião influencia a sua vida?

Na minha igreja as pessoas são muito caretas. Eu nunca iria saber nada sobre sexo se dependesse da igreja ou da minha mãe. Às vezes as pessoas de lá falam: “Você não devia nem conversar com essas pessoas (homossexuais)”, “Por que você acha isso normal?”, “Deus fez a mulher para o homem”. Mas eu não ligo para isso.

## O relacionamento com seus colegas de classe mudou após o curso?

Mudou sim. A gente aprendeu a se conhecer melhor e a respeitar o que cada um pensa.



Elaine Aguilera



Órgão Informativo do Grupo Transas do Corpo

Av. Antônio Fidélis, Qd. 158, Lt. 04, Pq. Amazônia  
Goiânia-Goiás-Brasil – 74.840-090  
Tel.: 55 (62) 248-2365 / Telefax: (62) 248-1484  
fazendogenero@transasdcorpo.com.br

[www.transasdcorpo.com.br](http://www.transasdcorpo.com.br)

### Apoio:

- . Fundação MacArthur
- . Fundação Ford
- . International Women's Health Coalition
- . Coordenação Nacional DST/AIDS/Ministério da Saúde/UNESCO

### Conselho editorial:

Érica Melo, Pedro Plaza Pinto, Priscila Marília Martins e Wilza Vilela

**Editoria:** Elaine Aguilera, Eliane Gonçalves e Joana Plaza Pinto

**Redação e Revisão:** Elaine Aguilera e Joana Plaza Pinto

**Colaboração:** Elcimar Dias Pereira, Kemle Semere Costa, Lidiane F. Gonçalves

**Editoração:** Carla de Abreu (62-223.0566)

As opiniões presentes nas entrevistas ou nos artigos publicados são de responsabilidade de suas autoras e autores.

# Por que as mulheres morrem?

**O 28 de Maio, Dia Internacional de Ação pela Saúde da Mulher**, foi comemorado em Goiânia com a realização do Seminário de Mobilização para Redução da Morte Materna em Goiás, organizado pela Secretaria Estadual de Saúde.

A conferência inaugural, "A Situação da Mortalidade Materna no País – responsabilidades e desafios", foi apresentada por Maria José de Oliveira Araújo, coordenadora da Área Técnica de Saúde da Mulher do Ministério da Saú-

de. Ela destacou dois focos principais relacionados a essa questão: a falta de precisão dos índices, que impedem a dimensão real do problema, e a má qualidade do pré-natal.

Maria José também salientou que para mudar o quadro atual é preciso haver um pacto entre os governos federal, estaduais e municipais, além de organizações sociais e profissionais e a sociedade civil em geral. Durante o evento, a coordenadora anunciou a assinatura pelo governo de uma portaria



## É preciso retirar as máscaras!

Kemle Semerene Costa\*

**A** mortalidade materna, sensível indicador de desigualdades sociais, em função dos seus elevados índices, constitui-se em um grave problema de saúde pública no Brasil e demais países em desenvolvimento.

Há muito tem sido pauta de discussão do movimento feminista junto a autoridades, gestores e profissionais da saúde, que vêm debatendo em fóruns nacionais e internacionais, buscando soluções para o problema, considerado "uma tragédia evitável".

Em 1987, na Conferência sobre "Maternidade Segura", em Nairóbi, sua redução foi assumida como compromisso por todos os países em desenvolvimento. Uma das estratégias utilizadas no Brasil foi a criação dos comitês de redução das mortes maternas, que em Goiás aconteceu em 1989. Em Goiânia, em 2002, foi estruturado o Comitê de Morte Materna e Feminina.

Mulheres saudáveis, no auge de suas vidas reprodutivas, morrem, principalmente, em decorrência das síndromes hipertensivas, das hemorragias, das complicações do aborto e das infecções puerperais. As análises destas causas perpassam a discussão sobre o acesso aos serviços de saúde e a qualidade da assistência à saúde da mulher; o preenchimento das declarações de óbito, assim como a notificação das mortes.

Sabe-se que não basta ter acesso ao pré-natal e ao parto; eles precisam ser de qualidade. Sabe-se também que os serviços de planejamento familiar não são acessíveis à boa parte das mulheres, e que nenhum método anticoncepcional é 100% eficaz. Resultam daí, as gestações não planejadas que, muitas

vezes indesejadas, terminam em aborto provocado e morte materna. Geralmente, as reflexões e conclusões de profissionais de saúde que debatem sobre o tema param por aí. Não existe a disponibilidade de concluir o raciocínio, enfrentando a discussão sobre o aborto, admitindo enfim, que por este ser ilegal, constitui-se na terceira causa de morte materna no país e na segunda, em Goiânia.

Crenças e opiniões pessoais têm sido priorizadas nesta discussão, em detrimento do contingente de mulheres que continuam morrendo vítimas de abortos clandestinos. Morrem aquelas que não conseguem pagar por um aborto em condições que preserve suas vidas; morrem até mesmo aquelas que teriam o direito ao aborto previsto em lei, pois não têm acesso a ele.

Esta situação só terá mudanças a partir do momento em que a mortalidade materna passar a ser compreendida numa perspectiva dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. Para isso, é fundamental que as pessoas consigam responder para si mesmas por que a questão do aborto incomoda tanto e passem a enfrentá-la sem individualismos e hipocrisias, respeitando as diferenças de valores e opiniões.

É inadmissível que em um fórum sobre mortalidade materna o aborto não seja tema de discussão. É preciso, pois, que as posturas sejam revistas e que cada profissional e cada instituição repense o seu papel. É preciso retirar as máscaras!

\* Educadora e pesquisadora do Grupo Transas do Corpo. Atua nas áreas de saúde reprodutiva, políticas públicas para a mulher e nutrição sob o enfoque de gênero.

que torna a notificação por morte materna compulsória e um plano de redução de 25% da mortalidade materna para os próximos três anos e meio.

A discussão sobre a imprecisão dos índices de mortalidade foi o principal destaque do seminário. Regina Coeli Viola, da Área Técnica da Saúde da Mulher do Ministério da Saúde e Secretária Executiva da Comissão Nacional de Mortalidade Materna, concorda que há sub-registro dos casos, mas diz que "é preciso trabalhar com os dados que se tem". De acordo com números do Ministério da Saúde, em 2002, de cada cem mil nascidos vivos, havia 71 óbitos de mulheres durante a gestação, o parto e o pós-parto.

O doutor Jacob Arkader, Secretário Executivo da Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia, afirmou que para inverter a situação atual é preciso responder à questão "por que as mulheres morrem?". Já o presidente do Comitê de Redução da Morte Materna do Paraná, Hélivio Bertolozzi Soares, apresentou a situação no seu estado e falou sobre a importância do correto preenchimento da Declaração de Óbito para um melhor diagnóstico.

A presença dos comitês de morte materna foi considerada como ponto fundamental para controlar o problema, pois estes atuam como disseminadores de informação e ponte entre os casos e as estatísticas do governo. Um exemplo apresentado e elogiado foi o comitê municipal de Goiânia, principalmente por atuar na área de mortalidade materna e feminina.

A urgência da presença desses comitês em cada cidade brasileira faz parte de uma campanha da Rede Feminista de Saúde, que no seu folheto comemorativo ao dia 28 de Maio evidencia: "Em cada cidade um comitê de prevenção da mortalidade materna: dever do Estado, compromisso da sociedade".



## Fortalecendo Lideranças Femininas para o Enfrentamento de DSTs/AIDS

O objetivo do projeto é continuar capacitando as lideranças femininas e multiplicadoras. A proposta consiste em um curso de 60 horas de duração de aprofundamento teórico e metodológico nos assuntos AIDS em Goiás, sexualidade feminina e gênero, oficinas de comunicação e relação com a mídia, além de oficinas de metodologias participativas e planejamento estratégico para as ONGs.

## I Encontro Internacional de Publicações Feministas

O evento reunirá editoras de publicações feministas brasileiras e estrangeiras, além de pesquisadoras da área, para estimular a produção e pesquisa nos estudos de gênero e feminismo. O encontro acontece entre os dias 26 e 28 de novembro, em Florianópolis. No dia 26 será realizada, no mesmo local, a reunião da rede nacional de publicações feministas. Mais informações no site <http://www.encontrodepublicacoes.ufsc.br>



## Feira de Saúde na Faculdade Alfa

O Grupo Transas do Corpo participou nos dias 19 e 20 maio da Feira de Saúde das Faculdades Alves Faria (Alfa). Foi montado um estande e os alunos puderam ter contato com os métodos anticoncepcionais e receberam material de divulgação de nossa Organização, além de folhetos sobre AIDS e Mulher. Também foi apresentado o vídeo institucional do Grupo Transas do Corpo.

## 2º Congresso de Responsabilidade Social, Terceiro Setor e Voluntariado

O Congresso foi realizado entre os dias 27 e 29 de maio, no Centro de Convenções de Goiânia, e teve a participação de nossa colegiada Lenise Santana Borges. As discussões giraram em torno de como desenvolver, disseminar e estimular o exercício da Responsabilidade Social no meio empresarial, acadêmico, governamental e na sociedade.

## Assembléia Geral Extraordinária

A Assembléia ocorreu no dia 5 de junho e contou com a presença das funcionárias do Transas do Corpo, além de conselheiras/os do Grupo. Foram apresentados os trabalhos de consultoria realizados por Marta Rovey Souza e Marisa Brandão. Também foi discutida a necessidade da presença das/os conselheiras/os nas próximas assembleias do Grupo.

## Conversa de Mulher – Formação Continuada

Dividido em três módulos com os temas: Feminismo e Poder; Sexualidades e Cotidiano; Ação Feminista, o projeto Conversa de Mulher: fortalecendo identidades feministas teve como público alvo lideranças femininas do movimento social. O curso foi orientado pela nossa coordenadora Kemle Semerene Costa e aconteceu em quatro encontros entre os meses de abril e junho.

# Uma militante feminista precisa de teoria?

Lidiane Ferreira Gonçalves\*

**Resenha do livro: NYE, Andréa. Teoria feminista e as filosofias do homem. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1995. 285 p.**

Fazer a resenha do livro Teoria Feminista e as Filosofias do Homem, de Andréa Nye, é uma tarefa difícil visto que estou começando as leituras e as discussões sobre feminismo agora. O que exponho nesta pequena resenha é uma leitura pessoal do texto de Nye que pretendo transmitir a vocês, leitoras/es do Fazendo Gênero. Antes de começar, porém, sugiro a todos e todas a leitura deste livro para que possamos abrir um diálogo mais profundo sobre este trabalho tão rico. Mas vamos lá...

A autora começa o texto fazendo algumas perguntas de ordem prática que nós constantemente nos deparamos no dia-a-dia “uma militante feminista precisa de teoria?” Considerada muitas vezes luxo, complicada, inacessível, frustrante e até mesmo de pouco rendimento, se comparada com a prática da militante feminista, a teoria é deixada de lado para quando sobrar algum tempo (coisa que quase nunca acontece!).

Em seu texto, Andréa Nye desenvolve a idéia de que as mulheres devem apropriar-se das filosofias do homem e reconstruí-las a partir de uma leitura feminista. Entende-se aqui filosofias do homem ou teorias masculinas como sendo aquelas pensadas e desenvolvidas a partir de um olhar masculino sobre a mulher, por mais progressista que possa ser. A escritora expõe as teorias desenvolvidas por grandes pensadores e pensadoras sobre os direitos das mulheres criticando-as e apontando suas possíveis falhas. Discute, portanto, o liberalismo, o marxismo, o

existencialismo, o patriarcado e a psicanálise, concluindo com a teoria da prática feminista.

Foi essa apropriação referida por Nye que Taylor fez com o liberalismo; Zetkin, Kollontai e Goldman fizeram com o marxismo; Beauvoir demonstrou que a opressão feminina não era nem capitalista nem socialista, mas da ordem da subjetividade. Freud encontra a resposta da personalidade feminina na educação familiar, já para Lacan a diferença entre homens e mulheres está no uso que cada um faz da linguagem. Desta forma, as teóricas feministas apropriaram, desconstruíram e por vezes reconstruíram as teorias masculinas conforme a necessidade e as lacunas deixadas por outras teorias.

Conclui o texto de forma otimista e até mesmo utópica propondo uma “ação feminista num mundo feminista” (pg. 271). Para ela, já não basta apropriar e utilizar as técnicas de sobrevivência do homem às quais se referia antes. Este momento já passou. Agora é hora de construirmos nossas próprias teorias e práticas feministas. Nye acredita na unidade das mulheres onde cada uma com sua especificidade contribuiria para a melhoria da qualidade de vida de todas as mulheres do mundo. Pense no que seria isto. Não lhe parece um sonho maravilhoso?

\* Bolsista de pesquisa do Grupo Transas do Corpo. Graduada em Ciências Sociais (UFG) e Direito (Universidade Católica de Goiás).

## Caro/a leitor/a,

Vamos enviar por e-mail uma pesquisa sobre o Fazendo Gênero. Suas respostas nos ajudarão a fazer um jornal melhor. Envie também suas críticas e sugestões: [fazendogenero@transasdocorpo.com.br](mailto:fazendogenero@transasdocorpo.com.br)

Desde já agradecemos a colaboração de todas/os.